

## HOJE E SEMPRE LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Ir. Elvo Clemente

O mês de julho notabilizou-se por reuniões, congressos, encontros que trataram de várias maneiras da Língua Portuguesa. Foram as reuniões dos presidentes dos países de Língua Portuguesa em Porto Príncipe (África). Salientaram a força sociopolítica do idioma no amálgama de culturas diversas na formação da nacionalidade, da alma de um país, da consciência de um povo. Aconteceu de 19 a 24 de julho no Rio de Janeiro o **Congresso Internacional da Língua Portuguesa** onde duas centenas de estudiosos lingüistas a um tempo lembravam a obra da ciência da língua do centenário Joaquim Mattoso Câmara Júnior e se adentravam na Filologia da Língua Portuguesa em sua diacronia, em seus dialetos, em seus contactos com os idiomas de África e de América. Houve estudiosos europeus e americanos da Áustria, da Itália, da Alemanha, da França, da Espanha e de Portugal e muitos brasileiros. Durante cinco dias na Universidade Estadual do Rio de Janeiro movimentaram-se conferências, minicursos, comunicações e oficinas. A alma do Congresso, idealizador e presidente Leodegário Azevedo Amarante Filho brilhou com suas intervenções.

Coincidindo em datas, realizou-se de 22 a 25 de julho, na Universidade de São Paulo, o **XIV Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa**. Discutiram-se muitos temas, analisaram-se muitos projetos de cooperação, circulou-se por diversos campos científicos e culturais (JL 1-14/9/2004 p. 19). Polarizaram-se discussões e projetos acerca da globalização da Língua Portuguesa, em oito países, somando 220 milhões de falantes.

Carlos Reis, notável professor da Universidade de Coimbra e ex-Diretor da Biblioteca Nacional apresentou em JL Letras de setembro importante artigo sobre o referido evento – **A Língua Portuguesa depois do Império**. A língua, a cultura têm vocações específicas na estruturação dos povos e das nações. A formação das novas gerações começa pela alfabetização, pelo uso e domínio da língua culta. Nos 8 países de expressão portuguesa, é necessária a uniformidade ortográfica, acima de eventuais unificações prosódicas. Carlos Reis é claro quando afirma: *Um acordo ortográfico valeria sobretudo como instrumento estratégico orientado para o exterior da comunidade, porque esse exterior tende a olhar a língua portuguesa como idioma em fragmentação* (JL). O acordo ortográfico em discussão e gestação há quatro décadas é uma necessidade para os países que precisam afirmar suas manifestações culturais através de uma língua culta falada e escrita. Veja-se o exemplo do espanhol como elo unificador e vivificador de cultura sob a guarda da Real Academia. As Academias de Ciências de Lisboa e a Brasileira de Letras não tiveram habilidade de manterem a disciplina lingüística como atividade orientadora. Fizeram-se o dicionário, a gramática, o vocabulário. Falta a cuidadosa disciplina na condução cultural. Pela atitude de querer preservar a liberdade, faltou um pouco de disciplina para produzir e manter a uniformidade ortográfica a partir dos estudos e práticas de Gonçalves Viana, em 1904. É um século de tateios e variáveis de novos manuais ortográficos. Hoje vê-se a necessidade e falta coragem para a execução. O articulista conclui: *Sendo ponto de encontro e denominador comum de quantos a falam e escrevem, ela é também objeto de estudo, matéria de ensino sério e metódico, idioma em que se plasmam culturas várias e diferenciadas, veículos de comunicação que carece de atenção e zelo, para em ser isso mesmo: fator de união e não cenário de fragmentação* (JL).

## A fala da criança sob um olhar enunciativo

Carmem Luci da Costa Silva\*

**Resumo** – Neste trabalho, pretendo trazer a concepção de Benveniste acerca da aquisição da linguagem, enfatizando alguns pontos que a caracterizam. O primeiro diz respeito ao fato de que, ao conceber uma relação de reciprocidade entre homem e sociedade, esse autor se opõe à tese *inatista*, porque a língua com suas formas específicas, numa cultura particular, é *aprendida* pela criança, embora a *linguagem* seja uma faculdade humana. O segundo relaciona-se à questão de que, para ele, a língua é sempre *mediação*, seja homem/sociedade, seja homem/cultura, seja homem/homem, enfatizando que as *relações intersubjetivas* são condição para a comunicação. Por isso, concebe a *intersubjetividade* como necessária para a criança aprender a estrutura lingüística e social. A partir dessas noções, abordo aspectos relevantes em sua teoria enunciativa do sentido para dar conta do dizer da criança. Com a noção de *intersubjetividade*, observo que a unidade de análise, nos dados de criança, precisa ser o *diálogo* e, com as noções de *frase*, *palavra*, *signo* e *sintagmatização*, reflito sobre a apropriação da língua pela criança.

Há alguns anos tento compreender a fala da criança para nela identificar as mudanças que marcam aspectos de sua trajetória lingüística em diferentes faixas etárias. Ao estudar os enunciados de diferentes crianças, tenho-me defrontado, de um lado, com um processo que se repete sob a forma de mudanças na relação da criança com a língua, de outro, com uma singularidade do dizer, relacionada ao evento enunciativo, que escapa a regularidade da explicação.

A regularidade presente nos dados tem sido por mim tratada pela perspectiva da Semântica Argumentativa de Ducrot, Anscombre, Carel e colaboradores, com a verificação da argumentação

\* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas-UFRGS/PPG-Letras/UFRGS.  
e-mail: clcostasilva@hotmail.com

presente nos enunciados das crianças. A pesquisa que desenvolvi em Silva (1996; 2000; 2001; 2002) pode ser dividida em três momentos: exploração da *polifonia* nos desdobramentos da figura enunciativa de *locutor* (cf. Ducrot, 1987) [1984];<sup>2</sup> tratamento da *polifonia* com a exploração da figura de *enunciador*, relacionando a *Teoria da Polifonia* com a *Teoria dos Topoi* (cf. Ducrot, 1988) e verificação da argumentação na fala infantil a partir da *Teoria dos Blocos Semânticos* (cf. Carel, 1995; 1997; 1998; 2002).

Em todos esses estudos, separei as crianças conforme as suas faixas etárias, descrevendo o *sentido dos enunciados*, através das relações argumentativas neles inscritas. Assim, explorei os aspectos enunciativos através das indicações argumentativas inscritas nos *enunciados/encadeamentos*<sup>3</sup>, que trazem as posições do *locutor* e possibilitam a continuidade de sentidos.

A medida que avançava nas observações da fala da criança algumas evidências me preocupavam e foi precisamente o dado de Franciele (1;8.10) que me fez repensar a explicação empreendida acerca do dizer da criança, uma vez que o diálogo, e não mais o enunciado, estava se impondo como unidade de análise:

*Episódio:* Franciele (1;8.10)

*Situação:* Franciele usava a expressão de xingamento “droga” sempre que algo não dava certo em suas brincadeiras, o que a mãe seguidamente a repreendia. Um dia a criança está brincando com a mãe próxima e algo dá errado. Então ela diz:

\*FRA: dó ...

\*com: a criança inicia a falar “droga”.

\*MÃE: Franciele [!]

\*com: a mãe repreende.

\*FRA: dóguinha. (= droguinha)<sup>4</sup>

No episódio acima, se considerarmos somente o enunciado da criança, verificaremos que ele se realiza em dois turnos, atualizando a palavra “droguinha”. Levando em conta Ducrot (1995; 2002), analisamos apenas os enunciados da criança, através da verificação do funcionamento do diminutivo como um *modificador*,

<sup>2</sup> Com parênteses ( ) está marcada a publicação brasileira e com colchetes [ ], a original. Quando houver indicação de página, esta se relaciona à publicação brasileira. Editado originalmente em *Le dire e le dit*, 1984. A publicação brasileira integra o livro *O dizer e o dito*.

<sup>3</sup> Essa relação enunciado/encadeamento é tratada por Azevedo (2003), a partir do estudo da Teoria da Argumentação na Língua em suas várias fases.

<sup>4</sup> Na transcrição, adotamos a seguinte convenção FRA = Franciele; \*com = comentário do transcritor; [!] = ênfase.

porque, com esse uso, a criança atenua a argumentação da palavra “droga”.

Entretanto, o interessante nesse dado é que a criança reorganiza o seu encadeamento devido à fala do “outro” (mãe). Isso mostra que ela escuta a fala do “outro” como repreensão, o que desencadeia a mudança em sua argumentação. Com essa reflexão, Benveniste passou a fazer parte de minha história teórica, pois, na fala de Franciele, a reação do interlocutor à sua fala, além de ser reconhecida pela criança, também propicia a reformulação.

Nesse sentido, estou percebendo a necessidade de examinar meus dados, levando em conta o que está implicado no ato de utilização da língua. Por isso, o trabalho de Benveniste está contribuindo com a análise que pretendo empreender acerca do dizer da criança, uma vez que, para ele, a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989) [1970]<sup>5</sup>, incluindo, nesse ato, os sujeitos, a situação em que se realiza e os instrumentos de sua realização.

A partir dessa percepção, algumas questões passaram a me inquietar, tais como: Qual a concepção enunciativa de aquisição da linguagem? Como tratar os dados? Pode-se conceber uma perspectiva desenvolvimentalista, dividida em fases ou estágios, para tratar a linguagem/língua da criança nessa perspectiva?

Para responder a esses questionamentos, recorro a Benveniste. A primeira pergunta com que me deparo é: *Qual a concepção de Benveniste acerca da aquisição da linguagem?* E o próprio semanticista responde que o “homem não nasce na natureza, mas na cultura”, porque “toda criança e em todas as épocas [...] aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (Benveniste, 1989, p. 23) [1968],<sup>6</sup> considerando que “cada locutor fabrica sua língua” (Benveniste, 1989, p. 19) [1968], visto que aquele que fala faz renascer pelo discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento e aquele que ouve apreende primeiro o discurso e, através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Desse modo, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a de *troca* e de *diálogo*, confere ao discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da *comunicação intersubjetiva*, reproduzindo o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização. Nesse sentido, a “forma” do pensamento, segundo Benveniste, é

<sup>5</sup> Editado originalmente em *Langages*, Paris, Didier, Larousse, n° 17, março de 1970. A publicação brasileira integra o livro *Problemas de lingüística geral II*.

<sup>6</sup> Publicado originalmente em *Les Lettres Françaises*, n. 1242 (24-30 jul. 1968). A publicação brasileira integra o livro *Problemas de lingüística geral II*.

configurada pela estrutura da língua, que revela, dentro do sistema das suas categorias, a sua função mediadora, propiciando a cada *locutor* propor-se como sujeito e implicar o *outro*, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe da enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. Desse modo, ele reitera a sua concepção acerca do fenômeno de aquisição da linguagem ao dizer que

De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura lingüística definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem (Benveniste, 1995, p. 31) [1963].<sup>7</sup>

Do exposto, posso já estabelecer alguns pontos que caracterizam a posição de Benveniste quanto à linguagem e sua aquisição (seria aquisição?). O primeiro diz respeito ao fato de que, ao conceber uma relação de reciprocidade entre homem e sociedade, opõe-se à tese *inatista*, porque a língua com suas formas específicas é, numa cultura particular, *aprendida* pela criança, embora a *linguagem* seja uma faculdade humana. O segundo relaciona-se à questão de que a língua é sempre *mediação*, seja homem/sociedade, seja homem/cultura, seja homem/homem, enfatizando que as *relações intersubjetivas* são condição para a comunicação. Por isso, concebe a *intersubjetividade* como necessária para a criança apreender a estrutura lingüística e social.

Ao desvendar a concepção de Benveniste acerca da apreensão da língua pela criança, outra questão passou a me inquietar: *Como explicar o fato de que num momento a criança diz "miga" e em outro "uma formiga me mordeu"?* É, no texto "Os níveis de análise lingüís-

<sup>7</sup> Publicado originalmente em C. R. *Académie des inscriptions et belles-lettres*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1963. A publicação brasileira integra o livro *Problemas de Lingüística Geral I*.

tica", que Benveniste (1995, p. 140) [1962]<sup>8</sup> parece mostrar novamente a sua preocupação com a apropriação da língua, pontuando que, quando o homem aprende a falar no exercício incessante de sua atividade de linguagem em todas as situações, é a *frase* o segmento do discurso que se constitui como unidade completa, pois evoca ao mesmo tempo *sentido* e *referência*; *sentido* porque é enformada de *significação*, e *referência* porque se refere a uma determinada situação. Assim, o semanticista continua a sua reflexão sobre a aprendizagem da fala, enfatizando que é pela língua em uso através do discurso, percebido, inicialmente, em segmentos analisáveis – *frases* – que o locutor constrói a estrutura de sua língua. O que se torna mais ou menos sensível para ele é a diversidade de conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados. Daí, destacará ele inconscientemente, à medida que o sistema se lhe tornar familiar, uma noção empírica de *signo*, que se define no seio da *frase*. O *locutor*, assim, toma consciência do *signo* sob a espécie de "palavra". Nesse percurso, já "fez um início de análise lingüística a partir da frase e no exercício do discurso" (Benveniste, 1995, p. 140) [1962]. Através da faculdade de *representar* o real por um "signo" e de compreender o "signo" como representante do real, o homem estabelece uma relação de significação entre algo e algo diferente. É justamente essa faculdade simbolizante, própria do homem, que permite a formação de conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele.

A apropriação da noção de *signo*, através do uso da *palavra* na frase pela criança, remete-me ao texto "Forma e sentido na linguagem", em que Benveniste (1989)[1967],<sup>9</sup> ao dividir a língua em dois níveis, o *semiótico* e o *semântico*, traz a idéia de *sintagmatização*.

Há, conforme esse autor, duas maneiras de ser língua: na *forma* (nível *semiótico*) e no *sentido* (nível *semântico*). O *semântico* nos introduz no domínio da língua em uso e em ação, em que o *sentido* se realiza na e por uma relação de *sintagma*, enquanto o *semiótico* (língua) se define por uma relação de *paradigma*. De um lado, a *substituição*, de outro a *conexão*, operações típicas e complementares. Com isso, temos que o *sentido* mesmo das palavras ocorre na atualização sintagmática, porque os signos, em si mesmos concep-

<sup>8</sup> Publicado originalmente em *Proceedings of the 9th International Congress of Linguists*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964. A publicação brasileira integra o livro *Problemas de lingüística geral I*.

<sup>9</sup> Publicado originalmente em *Le langage II* (Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIII Congrès, Genève, 1966) Neuchâtel, La Baconnière, 1967. A publicação brasileira integra o livro *Problemas de lingüística geral II*.

tuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares. Desse modo, sobre o fundamento *semiótico*, a língua-discurso constrói uma semântica própria, produzida pela *sintagmatização* das palavras em que cada uma não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Através dessa noção de *sintagmatização*, Benveniste inclui o sintagma no paradigma, uma vez que a relação *semiótico/semântico* aparece, numa reciprocidade, em que a *enunciação* necessita da estrutura de paradigma e cria novas estruturas no paradigma pela relação de sintagma, efetivada no uso, pois, como afirma, “tudo que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior do uso da língua” (Benveniste, 1989, p. 227) [1967].

Talvez aqui esteja uma possível explicação para o problema de apropriação da língua pela criança, visto que, pelo uso, e sobretudo pela relação com o *outro*, ela constitui e é constituída pela estrutura linguística, já que a *enunciação* comporta uma estrutura e cria estruturas. Novamente a língua aparece como *mediação* entre o *eu* e o *outro*, entre o que é *individual* e o que é *social*.

A partir disso, *como identificar a natureza das mudanças que ocorrem na fala da criança e que marca aspectos de sua trajetória linguística em diferentes faixas etárias?* Benveniste afirma que “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda a sua vida” (Benveniste, 1989, p. 18) [1968]. No entanto, fundamentado nas relações intersubjetivas, enfatiza que “qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe [...] desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos” (Benveniste, 1989, p. 20) [1968]. Se o homem inventa sempre a sua língua, então não se pode pensar numa aquisição acabada da estrutura de uma língua. Porém, não podemos negar as modificações linguísticas que se apresentam em enunciados produzidos em momentos diferentes pela mesma criança como “miga” e “uma formiga me mordeu”.

Neste ponto, parece-me importante considerar a proposta de Dufour (2000), que faz uma espécie de releitura ou ampliação de Benveniste, acerca da relação *diacronia/sincronia*. Esse teórico observa que o grupo *eu-tu-ele* traz, além da simultaneidade (*sincronia*), a consecutividade (*diacronia*), porque tal conjunto sincrônico tem, como equivalente diacrônico, a sucessão de três alocações: A1 (alocação anterior), A2 (alocação atual) e A3 (alocação posterior). Nesse sentido, para o autor, o “eu” fixa as referências da alocação atual; o “tu”, aquele da alocação atual, dirá “eu” na próxima e o “ele” da alocação atual dizia “eu” na precedente. Isso é o que ele chama de uma seqüência ternária, em que o “eu” que fala somente

obteve sua posição de *locutor* atual por ter sido *alocutário* na anterior. Assim, parafraseando Dufour, se “é preciso haver no mínimo três alocações – A1, A2 e A3 – para que uma história seja transmitida, talvez seja preciso recuperar muitas seqüências ternárias para que uma língua seja apreendida.

As questões aqui apresentadas têm um caráter provisório e iniciam uma reflexão que pretendo empreender sobre a apropriação da língua pela criança numa perspectiva enunciativa.

## Referências

- AZEVEDO, Tânia Maris. *Semântica argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Tese de doutorado.
- BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- . A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- . Da subjetividade da linguagem. In: *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- . Os níveis de análise lingüística. In: *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- . Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística. In: *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CAREL, Marion. L’argumentation dans le discours: argumenter n’est pas justifier. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPURS, v. 32, n. 1, p. 23-40, mar. 1997.
- . Argumentação interna aos enunciados. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.
- . Pourtant: argumentation by exception. *Journal of Pragmatics* 24, p.167-188, 1995.
- . Predication et Argumentation. *Fórum lingüístico*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis: Imprensa Universitária, v. 1, p.1-17, jun/dez 1998.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- . Os internalizadores. Trad. por Leci Barbisan. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 129, p. 7-26, set. 2002.
- . Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics*, n. 24, p. 145-165, 1995.
- . *Polifonia y argumentacion*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A polifonia no discurso narrativo infantil*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1996.

———. O Desenvolvimento da Figura Enunciativa de Locutor em Narrativas Infantis. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. (orgs.). *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra, p. 287-295, 2000.

———. Os princípios argumentativos subjacentes à polifonia da fala infantil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 126, p. 97-126, dez. 2001.

———. Argumentação e aquisição: o que revelam os “dizeres” da criança sobre essa relação? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 129, p. 193-205, set. 2002.